



Claudia Guerra

Informação sobre saúde na web

Isa Maria Freire*

Devemos aprender a aplicar critérios de qualidade nas informações sobre saúde disponíveis na web.

Quando a web se instalou, em meados da década de 90, milhões de usuários levaram suas inovações sociais para a rede e deram contribuição decisiva para a configuração e evolução da internet, especialmente na formação de comunidades virtuais e no estabelecimento dos valores de uma cibercultura.

O cenário do ciberespaço foi construído a partir das tecnologias digitais de informação e comunicação criadas no início dos anos 80, que, com a web, se tornaram um fenômeno econômico e cultural. Com base na cooperação ‘anarquista’ de milhares de centros informatizados no mundo, a internet tornou-se o símbolo de uma ferramenta social indispensável no cotidiano profissional e pessoal.

É nesse sentido que Manoel Castells fala da “sociedade em rede” e Pierre Lévy anuncia que estamos vivendo um momento histórico raro, “em que uma civilização inventa a si própria, deliberadamente”. Seria o caso da ocorrência, aqui e agora, de um “fenômeno de alta cultura”, que o historiador Giorgio Di Santillana explica como um salto quântico na cultura de uma civilização. No ocidente, dois fenômenos anteriores à emergência do ciberespaço são identificados no período da invenção das tecnologias da escrita e, depois, da imprensa. Agora, trata-se da nova relevância de um fenômeno antigo, a informação, desta vez viajando nos meios digitais de comunicação.

Os números são esclarecedores: aos milhões de usuários da internet, do século 20, somaram-se mais de 1,1 bilhão de usuários até 2007, que

buscam, nos mais de 125 milhões de sites e 70 milhões de blogs, informações relevantes para diminuir a incerteza em face dos problemas do cotidiano. Um dos temas recorrentes dessa oferta de informações na web é a saúde, coletiva e individual.

Uma busca simples no Google com o termo saúde tem como resultado 132 milhões de links, elos para ligação com fontes de informação sobre saúde. E mesmo que o tema seja especificado, como em “saúde coletiva”, o resultado ultrapassa 318 mil links disponíveis. Como selecionar uma fonte relevante e confiável, nesse mar de informações? Ademais, além de um direito social, a saúde é um bem pessoal e intransferível, que recebemos da vida e nos compete cuidar e preservar. É aqui que a noção de “segurança da informação” se introduz.

As informações sobre saúde têm como público-alvo profissionais e pesquisadores da área, estudantes e pacientes, além da população em geral. Quando disponibilizadas em sites de instituições de ensino e pesquisa, organizações da sociedade civil ou bases de dados de teses e dissertações acadêmicas e revistas científicas, as informações podem ser consideradas confiáveis, embora no último caso, muitas vezes, seja exigido o pagamento de uma assinatura. A questão da segurança impõe-se, quando se trata da informação dirigida à população em geral, à comunidade de usuários leigos que têm direito à informação que diminua a incerteza sobre problemas de saúde.

Sales e Toutain pesquisaram critérios de avaliação da informação em saúde na web, identificando “credibilidade, apresentação formal do site, links, design, interatividade e anúncios” como categorias recomendadas pela Agency for Health Care Policy and Research, do Health Information Technology Institute (Hiti). Para a Health On the Net (HON) Foundation, as categorias são “autoridade, complementaridade, confidencialidade, atribuições, justificativas, transparência na propriedade, transparência do patrocínio e honestidade da publicação e da política editorial”. No Brasil, o Conselho Regional de Medicina de São Paulo propõe como critérios “transparência, honestidade, qualidade, consentimento livre e esclarecido, privacidade ética médica, responsabilidade e procedência”, além de outros aspectos semelhantes aos propostos pelo Hiti e da HON Foundation.

Em artigo onde resume sua tese de doutorado, Lopes oferece um quadro com links para acesso a instituições que desenvolveram checklists para avaliação de sites sobre saúde na web. A autora também nos informa que o Centro de Vigilância Sanitária do Governo do Estado de São Paulo traduziu e adaptou o Guia Para Encontrar Informações Seguras produzido pela Organização Mundial da Saúde. Nesse Guia, são indicadas as questões que devem nortear os usuários na busca de informação relevante e confiável:

- Há indicações claras do nome e endereço do proprietário do site?
- Há alguma instituição responsável?
- Há indicação de patrocinadores?
- Há indicações claras sobre o propósito do site?
- Qual a data da publicação da informação?
- Instituições reconhecidamente qualificadas apóiam a publicação da informação?
- Se for o caso de resultado de pesquisa, há

menção a testes clínicos?

- No caso de produtos novos, estes foram registrados e aprovados no país de origem?

No Brasil, o Comitê Executivo do Governo Eletrônico estabeleceu regras e diretrizes para sites na Administração Pública Federal, enfatizando como critérios, além da validação científica, a clareza, simplicidade, objetividade e organicidade da informação. Em 2006, foi apresentado projeto no Congresso Nacional sobre as responsabilidades associadas à produção e comunicação de informações sobre saúde em sítios e portais da internet.

Parece muito, mas, quando se trata de garantir a segurança da informação sobre saúde, ainda é muito pouco. A parte mais difícil, entretanto, será feita pelos usuários, no cotidiano anônimo, quando buscar informações na internet: adotar como norma a avaliação das fontes, como proposto pelas instituições nacionais e internacionais, não confiar apenas nos discursos e não esquecer os critérios de segurança.

De modo que a informação na web represente, realmente, a diminuição da incerteza para um dado usuário e, no caso da saúde, propicie um caminho para o conhecimento e a cura.

“Em 2006, foi apresentado projeto no Congresso Nacional sobre as responsabilidades associadas à produção e comunicação de informações sobre saúde em sítios e portais da internet.”

* Isa Maria Freire

Doutora em Ciência da Informação
Líder do Grupo de Pesquisa Informação e Inclusão Social do IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia)
www.isafreire.pro.br

1 LEVY, P. A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. 3ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2000.

2 Dados em O Globo, 27 ago. 2007.

3 SALES, A.L.C.; TOUTAIN, L.B.. Aspectos que norteiam a avaliação da qualidade da informação em saúde na era da sociedade digital. Anais. Salvador: Cinform, 2005. Disponível em: http://www.cinform.ufba.br/vi_anais/docs/AnaLidiaSales.pdf. Acesso em 6 dez. 2007.

4 LOPES, Ilza Leite. Estudos sobre qualidade da informação sobre saúde na Web e a visão de entidades de classe brasileiras. Tempus – Actas de Saúde Coletiva, v.1, n.1, 2007. Disponível em: <http://164.41.105.3/portalesp/ojs-2.1.1/index.php/tempus/article/view/398/381>. Acesso em 6 dez. 2007.